




CAPÍTULO 4

RACISMO OU IGNORÂNCIA SOCIAL? O(A) NEGRO(A) E A REPRESENTATIVIDADE DE SUBMISSÃO

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9692517094>

Liberacy S Oliveira

RESUMO: Este relato trata-se de uma experiência vivenciada por uma mulher negra, professora e doutoranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Amazonas, UFAM. O texto irá descrever um fato que ocorreu em um passeio de barco, a partir de um questionamento feito por uma mulher com estereotipo racializado se eu era “Camelô ou Vendedora”. Minha intenção não é inferiorizar essas profissões, quero chamar atenção para o dispositivo de racialidade, que eficientemente opera nas nossas interações sociais com nossos corpos negros. A pergunta me despertou várias questões: por que uma senhora que não me conhecia vem me abordar com aquelas perguntas. Pretendo trazer algumas reflexões teóricas e metodológica para o caso, que historicamente e socialmente não se trata de um fato isolado, mas sobretudo do quão a sociedade é racista cotidianamente em suas diversas manifestações subjetivas e coletivas. No papel de pesquisadora e sobretudo de mulher negra, trago a discursão, que não se trata de algo inusitado, contudo, deve ter a sua continua reflexão e debate sobre a existência social e cultural do negro nas relações subjetivas e coletivas. percebo que perdi a oportunidade de aprofundar aquela intervenção ao ser ou não daquelas profissões, revertendo o questionamento aquela interlocutora desconhecida. Entender o porquê daquelas perguntas? E como não houvera da minha parte questionamento o relato ficará nas hipóteses, e nos embasamentos das construções históricas da identidade negra no Brasil. Em razão disso este relato de experiência será desenvolvido à luz de discursões teóricas que apoiarão a descrição, fundamentando a interpelação. Buscarei bases teóricas em Sueli Carneiro, Barbara Carine, Conceição Evaristo, Frantz Fanon, Silvio Almeida, Chimanda Ngozi Adiche e outros que me auxiliarão ao entendimento e desenvolvimento da temática aqui em questão: a minha experiência pessoal com o racismo.

PALAVRAS-CHAVES: Profissão. Racismo. Identidade.

RACISM OR SOCIAL IGNORANCE? BLACK PEOPLE AND THE REPRESENTATION OF SUBMISSION

ABSTRACT: This account is about an experience lived by a Black woman, a professor and doctoral student in the Graduate Program in Social Anthropology at the Federal University of Amazonas (UFAM). The text will describe an incident that occurred on a boat trip, based on a question posed by a woman with a racialized stereotype: whether I was a “street vendor” or a saleswoman. My intention is not to demean these professions; I want to draw attention to the racial apparatus that effectively operates in our social interactions with our Black bodies. The question raised several questions for me: why would a woman who didn’t know me approach me with those questions? I intend to offer some theoretical and empirical reflections on the case, which, historically and socially, is not an isolated incident, but rather, on how society is and becomes racist daily in its various subjective and collective manifestations. As a researcher, I realize I missed the opportunity to delve deeper into that intervention, whether or not those professions are, seeking to understand the reason for those questions. Since I didn’t question the account, it will remain hypothetical, which in turn has its historical constructions of Black identity in Brazil. Therefore, this experience report will be discussed in light of theoretical discussions and narratives that help explain the reasons for that questioning. I will seek theoretical foundations in Sueli Carneiro, Barbara Carine, Conceição Evaristo, Frantz Fanon, Silvio Almeida, Chimanda Ngozi Adiche, and others that will help me understand and develop the topic at hand: my personal experience with racism.

KEYWORDS: Profession. Racism. Identity.

INTRODUÇÃO

A narrativa tem como objetivo desenvolver uma reflexão a partir de uma vivência pessoal ocorrida no dia 01 de junho de 2025, na cidade de Manaus, no Amazonas, consequência de um passeio de barco. A programação fazia parte de uma atividade recreativa e turística, pensada pela comunidade de uma Escola de Samba de Manaus, a Reino Unido. Fiquei sabendo do passeio por meio de uma atividade acadêmica que participei de duas professoras da Universidade Federal do Amazonas/UFAM, na quadra daquela escola de samba. Aquela atividade recreativa seria uma oportunidade para um descanso físico e mental das atividades acadêmicas. De acordo com Dumazedier (1974, p. 95) a partir de um caráter hedonístico o “lazer é marcado pela busca de um *estado de satisfação, tomado com um fim em si*”.

A escolha pelo passeio foi justamente para a realização da minha satisfação, primeiro de sair por algumas horas das leituras, segundo está em contato direto

com as águas do Rio Negro¹ me proporcionaria momentos de pura fluidez com a calma que por si só já me conduziria a um exercício mental e físico de satisfação, terceiro o passeio de barco me conduziria a um desaceleramento dos movimentos da vida acadêmica, e como aponta Dumazedier (1974, p. 171) “o espaço de lazer será cada vez mais necessário para o equilíbrio humano de cidades cada vez maiores”. Foi essa necessidade de desprendimento do mundo das leituras e escritas do meu processo de doutoramento que optei por fazer aquele passeio.

E na perspectiva do descanso comprei o passaporte, que me daria acesso ao passeio. Na data marcada (01.06.2025), estava no local de embarque, que foi ágil e prático. Todos os passageiros a bordo, o barco deixa o porto e segue ao destino programado, uma praia chamada, “praia do Tupé”². O grupo dos passageiros era diversificado, crianças, mulheres, homens, idosos, uns em grupos, outros em casais e outros sozinhos, como eu.

O percurso até o local já pode ser considerado um momento de lazer, admirando a paisagem do Rio Negro, suas águas escuras em movimento do ir e vir das ondas formadas pelas presenças dos barcos e voadeiras já remetia um descanso e limpeza mental. O percurso até o destino programado foi em torno de duas horas. Chegando fomos liberados para os momentos de confraternizar na praia com banhos e brincadeiras, danças e registros fotográficos.

Com todos os momentos positivos que aquele momento proporcionaria e proporcionou, vivenciei uma experiência instigante e um tanto desagradável, que devo considerar como racismo, já que o mesmo opera em facetas adversas social e culturalmente. As práticas racistas acontecem de maneira consciente e ou inconsciente no imaginário social entre e com a comunidade negra, atravessando os corpos negros.

E é partir dessa ótica dos atravessamentos que buscarei desenvolver nesse relato sobre os conceitos sociais e profissionais que ainda são latentes na percepção ou concepção que o negro só poderá ocupar uma posição profissional e cultural de inferioridade. Para Sueli (2023, p. 32) “o corpo funciona como marca dos valores sociais, nele a sociedade fixa seus sentidos e valores. Socialmente, o corpo é um signo”. E foi exatamente o que me aconteceu, o meu corpo foi marcado pelos valores sociais de uma sociedade que nos posiciona em um lugar de inferioridade e submissão.

Eu, uma mulher negra não poderia ocupar outra profissão a não ser aquelas interrogadas por uma outra mulher, e racializada? Se fosse uma mulher branca a pergunta seria a mesma? Talvez nem tinha se aproximado, como não se aproximou, pois no mesmo andar em que eu me encontrava, tinha uma outra mulher branca e sozinha. A experiência aqui vivida gera várias interrogações, assim como descrições teórica e metodológica do que é o racismo e as formas como é operacionado.

¹ <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/rio-negro.htm> Acesso em 30.06.2025

² <https://portalamazonia.com/turismo/saiba-como-chegar-no-paraíso-do-amazonas-a-praia-do-tupe>. Acesso em 30.06.2025

A segui descreverei a experiência que analiso como racismo que vivenciei, o que deveria ser um passeio para relaxar e renovar as energias para o retorno das atividades acadêmicas se transformou em questionamentos e senão intrigantes frustrações por ter perdido a oportunidade de aprofundar o que vivi em um passeio de barco. Poderia ter problematizado o momento, contudo as armadilhas do surpreendente nos paralisa. E foi assim que fiquei em minha falta de atitude em não questionar, paralisada.

Para a construção argumentativa do fato que aqui descreverei, escolhi alguns(mas) autores(as) negros(as) que discutem sobre a existência e as performances dos(as) negros(as) no mundo social e cultural. As narrativas da experiência serão confrontadas pelas discursões empíricos pessoal e pelos conceitos do dispositivo de racialidade, do contrato racial; branquitude; racismo; entre outros que me ajudarão na análise da experiencia naquele passeio.

As interações sociais e culturais de brancos(as) e negros(as) são caracterizadas a partir da formação histórica geral e do Brasil do povo africano e diáspora africana, de acordo com Fanon (2020, p. 31) “o negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro se comporta de modo diverso com um branco e com outro negro”. Somos produtos de uma formação escravocrata, constituindo a vida social a partir dos dispositivos de racialidade como afirma Sueli Carneiro (2023) a formação populacional do Brasil advém desse processo que legitimou e instrumentalizou um país em que as representatividades sociais e culturais hegemonicamente eram brancas criando aí o que sabemos, um racismo estrutural, produzido e reproduzido sentimentos e pertencimentos de superioridade de um grupo étnico a outro.

O racismo estrutural é a maior evidência das relações e reproduções das violências sociais, moldando e qualificando a interseccionalidade, de acordo com Carla Akotirene (2019, p.14) “à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe”. Se o corpo negro masculino atravessa várias questões do racismo, o feminino transcende nas suas experiências racistas.

Corpos negros são atravessados pelo contrato racial, muito bem abordado por Charles W. Mills (2023), que não são e nem têm representatividade aos paradigmas do certo, do bonito, do eficiente, do inteligente, do limpo, etc. E por não ter representatividade social e nem cultural a partir de outros olhares, de uma branquitude:

É a supremacia branca incrustada na branquitude, uma relação de dominação de um grupo sobre outro, como tantas que observamos cotidianamente ao nosso redor, na política, na cultura, na economia e que assegura privilégios para um dos grupos e relega péssimas condições de trabalho, de vida ou até a morte, para outros (Bento, 2022, p. 14)

Cida Bento salienta as relações de dominações e subestimações da branquitude sobre o povo negro, no qual chamará de pacto da branquitude, são perpetuadas, transcendendo outras dominações narcisistas, desconsiderando as pluralidades fenotípicas, sociais, culturais e religiosas. Não serei o único corpo negro a ser atravessados pelos paradigmas visuais e sociais, raça, gênero e classe, outros corpos e o meu próprio continuarão sendo atravessados pelo dispositivo da racialidade e pelo contrato racial.

DESENVOLVIMENTO

Pretendo a partir da narrativa trazer reflexões que possam me ajudar e consequentemente contribuir para reflexões não somente de outras mulheres e homens negros(as), mas que possam incluir mulheres e homens brancos(as) entender que o racismo mesmo que parece não ser, ele está sim operando em formas diversas. O que vivenciei naquele barco foi uma demonstração de racismo, mesmo que a senhora nem tenha noção social e cultural, ela com suas experiências subjetivas está sim propagando ações racistas.

Vale aqui ressaltar que as formas de racismo são bem mais complexas do que se possa imaginar, e não se trata de uma leitura exclusivamente pessoal e empírica. As discursões teóricas e descritivas dos(as) autores(as) negros(as) como Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Bárbara Carine, Carla Akotirene, Chimamanda Ngozi Adichie, Franz Fanon, Kabengele Munanga, Charles W. Mills e outros(as) tantos(as) escritores negros apontam para as complexidades das práticas racistas no cotidiano do povo negro.

É necessário e pertinente o contínuo debate sobre o sistema que molda e classifica os sujeitos sociais pela supremacia branca. O movimento dos rompimentos das barreiras sociais, são tão necessários, como o é o movimento do aquilombamento desenvolvidos pelo povo negro em suas diversas comunidades e performáticas atuações político e cultural.

Mas que significativo é fundamental que debates, estudos, pesquisas, lives, podcasts, entrevistas, palestras e formações antirracistas de toda e quaisquer modalidade para continuarmos seguindo na desafiadora mobilização da desconstrução dos paradigmas tão bem enraizados em nossos conscientes e inconscientes sobre as relações de superioridade e inferioridade entre e com grupos sociais, principalmente identificado e classificado pela cor da pele (Fanon, 2020). Entender que não é *mimimi*, fantasias, é fundamental o exercício constante das reflexões sobre as diversas manifestações de subjugações dos corpos negros(as) como descreve (Bento, 2022, p. 24) “É urgente fazer falar o silêncio, refletir e debater essa herança marcada por expropriação, violência e brutalidade para não condenarmos a sociedade a repetir indefinidamente atos anti-humanitários similares”.

As relações simbólicas e conceituais tornam perigosas às identificações subjetivas e coletivas dos sujeitos sociais e culturais. Resultados da contextualização histórica que criou paradigmas raciais de que existiam humanidades superiores e inferiores, como afirma Mills (2023, p. 54): “[...] vivemos em um mundo que tem sido fundamentalmente moldado nos últimos quinhentos anos pelas realidades da dominação europeia e pela consolidação gradual da supremacia branca global”.

Como Mills (2023), Cida Bento (2022, p. 25) aponta que a branquitude além de ser uma aliança “que expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo. Gera esquecimento e desloca a memória para lembranças encobridoras comuns”. A cor da pele foi sempre usada como definição de valores, status, civilização e modernidade, classificando e estipulando representatividade social e cultural.

Para Sueli Carneiro (2023), o racismo é mais que uma legitimação nas suas práticas dos privilégios representados nas simbologias da supremacia branca. Para a autora (2023, p. 21) “são esses privilégios que determinam a permanência e a reprodução do racismo enquanto instrumento de dominação, exploração, e mais contemporaneamente, de exclusão social”.

O BARCO X PASSEIO

O barco estava programado para sair do porto às 09h. Cheguei no local 30 minutos antes, para não correr o risco de atrasar e assim perder a oportunidade e o horário do embarque. Era um barco grande, de 03 (três) andares. Me dirigi ao ponto do embarque, entregando o comprovante do pagamento e pegando a pulseira de acesso e identificação de passageira, embarcando logo em seguida, direcionando para o último andar, espaço estrategicamente escolhido, não tinha muita concentração de gente, a maior concentração era no primeiro andar, que estava acontecendo roda de pagode e onde ficava o bar.

Foi uma viagem tranquila, escolhi uma localização que pudesse ficar sentada e observando o curso da água. Fiquei admirando aquela beleza natural, o espetáculo das árvores frondosas ao longo das margens do rio. A região norte é privilegiada pela composição da sua flora e fauna, criando espetáculos naturais a quaisquer olhares desatentos.

O rio Negro é um verdadeiro show com suas águas escuras, e pelo encontro que faz com o rio Solimões. Aquele passeio foi um momento de “limpeza” interna e também de desaceleração. Fiquei contemplativa, ponderando o quão a natureza tem a nos ensinar. Vez por outra descia para os outros ambientes do barco, movimentar-se, outro momento deitava e assim foi toda a viagem. Os demais passageiros estavam bem animados, bebendo, dançando e rindo, enquanto isso a música dançante os levava aos movimentos e envolvimento em casais ou em grupos, formando rodas performáticas de sambas e requebrados.

Chegando na praia, o barco ancorou, algumas pessoas desembarcaram, outras continuaram no barco bebendo e dançando. Eu desembarquei, tomei banho, aproveitando para fazer alguns registros daquele momento, era a primeira vez naquela praia. Meus olhares no território praiano eram de admiração e contemplação, realmente era um lugar lindo, bem peculiar das regiões de águas doce. Crianças brincavam de bola, de correr, os adultos bebiam, tomavam banho, riam, dançavam e conversavam alto, vários cenários em um só lugar, várias performances humanas se misturavam e compunham as performances naturais do lugar.

O retorno para a cidade de Manaus, estava programado para as 16h, os passageiros tiveram tempo suficiente para aproveitar o lugar paradisíaco, revigorar as energias nas águas do rio Negro.

Passado o tempo determinado pela equipe de organização do passeio, o sino tocou avisando da saída do barco em destino a cidade. Embarcados os passageiros, retornei ao 3º (terceiro) andar ficando em pé com os braços apoiados em uma bancada do barco. Enquanto eu aproveitava a paisagem e em pensamentos agradecia o dia de descanso e lazer, uma senhora de estatura baixa, racializada³, de óculos escuros, bermudas jeans, casaco branco com listras vermelhas, brincos grandes de miçangas, cabelos amarrados e maquiada, se aproxima e inicia um diálogo, falando do passeio, falando das paisagens, afirmando ser a primeira vez que fazia aquele tipo de passeio, e tinha gostado muito.

O papo foi se estendendo, era mais um monólogo, expôs praticamente sua vida pessoal, informando que nunca tinha andado de avião, nunca tinha viajado para nenhum lugar fora do Estado do Amazonas, que era agricultora, viúva, antes desse estado civil não sabia fazer nada na cidade, a vida era só em casa e na sua roça. Quando perdeu o marido teve que aprender a fazer tudo que antes era atribuição do esposo. Morava na estrada do município de Presidente Figueiredo, cidade interiorana muito conhecido por suas cachoeiras.

Em um percurso do retorno, passamos pela ponte que dá acesso à alguns municípios do Amazonas, como Iranduba, Itacoatiara, Manacapuru, etc., uma ponte enorme em sua extensão de 3,6 (três vírgula seis) quilômetros de extensão, conhecida como ponte Jornalista Phelippe Daou⁴, considerada a maior ponte estaiada do Brasil.

Entre um assunto e outro da sua vida, aquela senhora vira para mim e pergunta: você é camêlo? Respondo não, ela talvez achou intrigante o não, me faz outra pergunta você é vendedora? Respondo não, e fico calada, continuo a olhar o curso das águas, e naquele momento não a questionei o porquê das perguntas como aquela...

³ Vou usar esse termo, porque ela não se auto declarou como negra para mim, mas sua cor de pele era mais escura que a minha, que me auto defino como mulher negra. As característica biológica daquela mulher, era de uma mulher racializada.

⁴ <https://visitemanaus.com/turismo/ponte-rio-negro> Acesso em 29.06.2025

da próxima vez espero ser desperta e possa estar mais atenta, questionar a situação. Nunca esperaria uma pergunta daquela, não tinha nada que me caracterizasse como camelô e muito menos como vendedora, em meu poder não tinha nenhuma mercadoria e muito menos passei o tempo no barco oferecendo algum produto no qual poderia me remeter a uma das profissões por ela abordada.

Confesso que fiquei intrigada, paralisada literalmente com a pergunta, que nem tive reação de questionar o porquê daquela intervenção? Eu não estava com nada que remetesse a ser da profissão ao qual ela indagou. Fui falha em vários aspectos, pois nem seu nome perguntei. Após seu questionamento a única pergunta que fiz foi qual era sua profissão? Fiquei paralisada, olhei para ela por um tempo sem entender aquela pergunta e respondo que era professora

Falhei como sujeito social, como um corpo racializado e como pesquisadora, poderia ter aprofundado com aquela senhora sobre o seu olhar e sua perspectiva ao me identificar com aquelas profissões. Assim como o estou fazendo aqui nessas descrições da experiência vivenciada. E aqui faço um parêntese não tenho pretensão de invisibilizar e muito menos menosprezar as referidas profissões, a proposta fundamental do relato é analisar e ou refletir sobre os perfis socioculturais das representatividades subjetivas as profissões, e aqui o ser camelô e vendedor.

A partir daquela pergunta devo compreender que para aquela senhora ser e exercer as referidas profissões se trata do ser negro(a) e consequentemente pobre, eu era uma mulher negra e estava vestida de maneira simplória, estava com um vestido que eu mesma pinteí, usando tintas de tecidos com uma técnica que deixa o tecido envelhecido e uma sandália havaianas com desenho do Mickey. E aqui trago mais uma complexidade além da cor, eu estava apresentável socialmente de maneira simplória, e isso talvez na leitura sociocultural daquela senhora me remetesse às profissões aos quais me indagou.

Só posso entender que essas foram as suas análises, ela estava com roupas adequadas para uma apresentação social, estava maquiada, de óculos escuros, brincos, a partir da sua apresentação da sua vestimenta que ela me analisou e me identificou como tal. Porque não posso seguir outro raciocínio a não ser este para ter sido identificada como camelô ou vendedora.

As perguntas são resquícios de um processo histórico, classificando a Europa como centro da civilização, foi pela submissão e violências que os valores éticos e sociais desenvolveram práticas como referenciais do estético, normal, lícito, intelectual, religioso, etc. Saqueamentos social e cultural de povos, como os africanos, afrodiaspórico indígenas, saqueando material e imaterial, agrilhoando em suas representatividades, aniquilando suas liberdades, subjugando e inferiorizando, identidades e espaços renegados pelos contratos raciais:

O objetivo geral do contrato é sempre criar um privilégio diferencial dos brancos como grupo em relação aos não brancos como grupo, a exploração de seus corpos, terras e recursos e a negação de oportunidades socioeconômicas iguais para eles. Todos os brancos são beneficiários do contrato, embora alguns brancos não sejam signatários dele (Mills, 2023, pp. 43-44).

A fundamentação do contrato racial ainda exerce influência, o(a) negro(a) que além de não ter as mesmas oportunidades do branco, continua sendo subjugado em sua aparência física e social. Sou estudante de uma pós graduação, doutoranda do programa de Antropologia Social, em uma Instituição de Ensino Superior, a Universidade Federal do Amazonas/UFAM, me posicionando em lugares que era exclusivamente dos brancos. Mesmo rompendo as barreiras do contrato racial, as barreiras do racismo continuam latente consciente e inconscientemente em uma sociedade como Manaus, formada por uma diversidade étnica.

A experiência no passeio do barco, cumpriu o que descreve Fanon (2023, p. 31) “[...] O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro se comporta de modo diverso com um branco e com outro negro”, a partir do que nos afirma Fanon (2023) qual seria o questionamento daquela mulher se estivesse a frente de uma mulher branca? Será que a sua abordagem tomaria o caminho que o foi para mim? Como ela enxerga as duas profissões na qual me indagou? Quem são as pessoas que exercem essa profissão para ela? Quais são os gêneros que atuam nessas profissões para ela?

A partir daquela intervenção surgiram várias perguntas, que não se deram de forma aleatória, mas sim contextualizada histórica e empiricamente: um elo do passado com as memórias ancestrais de submissão e apagamento, repercutindo no presente, uma mulher negra sendo abordada por representatividades profissionais e sociais a partir do dispositivo da racialidade (Carneiro, 2023). Não vejo outra análise senão essa, sustentada por conceitos como representatividade, históricos da presença do(a) negro(a) no mundo do trabalho. Quais os padrões de superioridade, de intelectualidade, de beleza e padrões de profissionais constituído pelo contrato social da branquitude? E parece muito latente no consciente social daquela senhora

O contrato social moral e político estabelecidos pela cidadania branca reverbera no imaginário do não branco e de certa forma corrobora para a sua permanência e eficiência, como afirma Sueli Carneiro (2023, p. 14) “contribuindo para a formação de um imaginário social que naturaliza a subalternização dos negros e a superioridade dos brancos”. Foi nessa perspectiva da naturalização da posição de subalternidade que a mim foi dirigido os questionamentos sobre ser ou não camelô ou vendedora, uma profissão que economicamente reflete um papel de inferiorização e consequentemente de racialização⁵.

⁵ <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br> Acesso em: 29.07.2025

As perguntas daquela senhora remetem a certeza do quão eficaz são as estratégias do mundo da branquitude, através dos processos simbólicos de representatividade em uma dinâmica virtual ou presencial como aponta Sueli Carneiro (2023, p. 54) “os meios de comunicação, para retratar a pobreza, a miséria, a delinquência, o analfabetismo, a ignorância, a indignidade humana, são pródigos em exibir pessoas negras.

Aquelas perguntas geram várias questões sociológicas, históricas e antropológicas, etc., primeiro foi remetida por uma mulher racializada, não houve uma autodeclaração do ser uma mulher negra, não sei o grau do seu reconhecimento da cor, da sua autoidentificação, contudo visivelmente faço aqui uma leitura ocular de que se tratava de uma mulher racializada como esta que descreve tal fato vivido:

O negro tem problemas específicos que só ele sozinho pode resolver, embora possa contar com a solidariedade dos membros conscientes da sociedade. Entre seus problemas específicos está, entre outros, a alienação do seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e consequentemente sua “inferiorização” e baixa estima; falta de conscientização histórica e política, etc. (Munanga, 2025p. 19)

Como afirma o autor, o autorreconhecimento vem de cada sujeito social que não seja branco se auto identificar, e esta se dará de acordo com as perspectivas acima abordadas em cada subjetividade negra, consciente ou inconscientemente cada sujeito está em sua dinâmica sobre seu autorreconhecimento ou não, aquela abordagem atravessou os aspectos raciais e históricos. A força da estrutura social criada e estabelecida para o apagamento socioeconômico dos(as) negros(as), resultando no sentimento de inferiorização e da baixa estima, dimensiona a uma ausência de conscientização social, histórica e política.

A representatividade social e cultural é definida a partir de uma imagem da branquitude, refletido no imaginário social do bonito, do superior, do valor, do sucesso, do rico e do pobre, do intelectual e do analfabeto, entre outras caracterizações criando uma cultura dominante e metodologicamente usados pelos meios de comunicações em seus referenciais simbólicos, reproduzem e fortalecem o sistema de exclusão social, de acordo com Beatriz Nascimento (2022, p. 43) “a tv veicula uma ideologia aparentemente calcada num dado da realidade socioeconômica, que é o fato de parte dos pretos ainda hoje serem integrantes dos extratos sociais mais baixo da população”. São esses veículos de comunicação que chegam à casa daquela senhora e de tantos outros cidadãos e consequentemente são seus símbolos e suas representatividades que repercutem nos seus imaginários sociais e culturais.

A supremacia branca continua com sua força no aniquilamento, na negligência, no massacre social e cultural, assim como no próprio biológico quando nega a existência de racismo. A população negra ainda sangra com as dores de um passado cruel e que insiste em nossas realidades atuais invadir nossa existência, nos negando

a viver sem os estereótipos que nossos ancestrais foram estigmatizados e que hoje ainda são tão presentes nas nossas referências biológicas, sociais, culturais, religiosas e em nossas subjetividades e coletividades como bem pontua Fanon (2022, p. 37): “A violência que presidiu ao arranjo do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais nativas, que demoliu sem restrições os sistemas de referências da economia, os modos de aparência, de vestuário...”

Os papéis sociais e culturais são estritamente demarcados, sejam pelas leis, sejam pelos costumes, fortalecendo o contrato racial de onde você, enquanto branco, pode estar, e você, negro e negra, devem se situar, sabendo que deverão permanecer aonde a branquitude definir (Mills, 2023)

O contrato racial institui status e referências subjetiva e coletiva, gerando e reproduzindo ações preconceituosas, o racismo é latente nas consciências individualizadas e coletivas, evidenciado aqui no dialogo constituído por uma senhora racializada com sua intervenção ao questionar se eu era camelô ou vendedora, acreditar que o(a) negro(a) não poderia estar em um lugar de superioridade social e econômico, não poderia ocupar um lugar profissional de superioridade. O racismo é cruel e atua de forma avassaladora na destruição das identidades e por conseguinte das representatividades, com uma ideologia de cor e de corpos, definindo o sujeito negro em condições de inferioridades:

O negro sabe que o branco criou a inquisição, o colonialismo, o imperialismo, o antissemitismo, o nazismo, o stalinismo e tantas outras formas de despotismo e opressão ao longo da história. O negro também sabe que o branco criou a escravidão e a pilhagem, as guerras e as destruições, dizimando milhares de vidas. O negro sabe igualmente que, hoje como ontem, pela fome do lucro e poder, o branco condenou e condena milhões e milhões de seres humanos à mais abjeta e degradação miséria e moral.

O negro sabe de tudo isso e, talvez, muito mais. Porém, a brancura transcende o branco. Eles – indivíduo, povo, nação ou Estado branco – podem “enegrecer-se”. Ela, a brancura, permanece branca. Nada pode macular essa brancura que, a ferro e fogo, cravou-se na consciência negra como sinônimo de pureza artística; nobreza estética; majestade moral; sabedoria científica etc. O belo, o bom, o justo e o verdadeiro são brancos. (SOUZA, 2021, p. 28)

Neusa Santo Souza nos chama a refletir e a entender todo os processos racistas mesmo sendo doloroso, o branco ainda é visto com todas as referências de superioridades, é o bonito, o inteligente, nobreza estética, etc., que a autora muito bem pontua. Apesar de saber todos o mal que a branquitude fez ao povo negro, ainda são vistos e tratados como heróis, presenças positivas, como referências de grandeza, de superioridade.

O que vivenciei no passeio não é algo isolado, assim chamo para um continuo debate sobre essa questão, reflexão não somente por mim que resolvi escrever este relato para compartilhar, sinalizando que precisamos continuar contestando, com

as escritas, com as oralidades, com performances artísticas de toda ordem sobre as questões raciais que atravessam nossas vidas, nossos corpos negros, que ainda são estigmatizados como sujeitos inferiorizados.

Estamos no século XXI, e ainda continuamos desterritorializados da nossa identidade social e cultural, ainda somos constituídos das inferioridades e incapacidades sociais e intelectuais aos quais a branquitude fundamentou em seus valores sociais, políticos e morais.

A história vivida por mim naquele barco me faz retornar a um passado que parece distante, onde a escravização do povo africano no Brasil foi totalmente de perda da liberdade, da identidade, das referências culturais e religiosas, lhe causando uma diáspora africana e lhes conduzindo a uma única identidade: o ser negro, negando toda as suas profissões e potencialidades intelectuais, suas localizações geográficas, universalizando tornando-os escravizados. Fanon (2023, p. 126) vem nos apontar que “[...] lenta construção do meu eu enquanto corpo no interior de um mundo espacial e temporal, parece ser esse o esquema..., porque se estabelece uma dialética efetiva entre meu corpo e o mundo”. Somos apenas negros(as).

O racismo nos atravessa em nossas experiências sociais, as vezes de maneira sutil, outra cruelmente, principalmente em situações onde corpos negros são abordados por policiais, seguranças de alguma instituição pública ou privada. Demarcados pela cor somos mobilizados e moldados aos estereótipos e por um determinismo que destaca o povo branco, como sinônimo de humanidade e civilização.

Pontuar experiências racistas geram controvérsias aos sujeitos sociais que não estão localizados como racializados, para eles tais experiências não é racismo, é “mimimi”, contudo não só o passado, mas a atual conjuntura aponta sobre as demarcações dos corpos e dos signos nas representatividades socioculturais do racismo.

Aquela mulher racializada teve sua fala a partir de todas as suas representações e representatividades sociais, em um mundo que não nos representa enquanto sujeito. A vida inteira nos foi mostrado, que nossos lugares eram os de submissão, inferiorizando nossas capacidades intelectuais e emocionais, nossos corpos sociais e culturais foram mutilados. Nossos corpos, imagens e territorialidade são marcadas pelas exclusões, pelos apagamentos, pelo aniquilamento, de uma cultura branca reafirmada no poder dos privilégios.

A narrativa aqui desenvolvida não tem cunho de julgamento, mas sobretudo de debate e reflexão, os questionamentos ao qual foi descrito é resultado do processo social e cultural do Brasil, fundamentada em dinâmica sociopolítica e socioeconômica que está configurada na formação da humanidade, constituída pela força motriz da exploração.

Aquela senhora, a partir da sua própria pergunta, me leva a pensar e consequentemente refletir que um corpo negro não é nem tem representatividade de ascensão social, para ela uma pessoa negra representa submissão. Nesse momento não tenho outra análise que não seja essa. Tal reflexão e análise estão sendo notabilizada a partir das minhas leituras com autores como Kabengele Munanga, Conceição Evaristo, Franz Fanon, Barbara Carine, Beatriz Nascimento, Charles W. Mills, e minhas vivências empíricas com situações que evidenciaram e evidenciam racismo como essa aqui compartilhada com vocês leitores.

Para concluir não sei o nível de “consciência social e racial” daquela senhora, não tive ciência sobre os seus conceitos e valores sociais construídos e constituídos em relação ao racismo, ao gênero, as classes sociais, religiões, etc., contudo talvez sem saber o que é racismo, ela o reproduziu em sua intervenção a minha pessoa. Como aponta Bárbara Carine (2023p.57) “[...] Pessoas brancas no Brasil são racistas, e pessoas negras reproduzem o racismo – inevitavelmente internalizado – contra elas mesmas”.

Aquela senhora, com suas perguntas, naturaliza um racismo e nem percebe que tal atitude é também um balizamento para sua própria experiência enquanto uma mulher racializada, analfabeta e agricultora⁶, se é que não vivência essas relações todos os dias, pois sabemos que a vida de agricultor não é nada fácil social e economicamente, e para o gênero feminino deve ser muito mais opressor, por vivermos em uma sociedade configurada no patriarcado.

É esmagador perceber que a identidade social ainda hoje é pautada em um grupo social, estruturado pelos privilégios, pelo sistema de dominação, ratificando as desigualdades nas distribuições materiais, nas oportunidades, reafirmado no contrato racial e no seu objetivo, que de acordo com Mills (2023, p. 42) “é sempre criar um privilégio diferencial dos brancos como grupo em relação aos não brancos como grupo, a exploração de seus corpos, terra e recursos e a negação de oportunidades...”

Quando você é negro(a) e acessa novos espaços sociais e culturais, sua presença, seus corpos determinam como irão te olhar, como irão te receber, ser negro(a) é ser alvo de exclusão, e sentenciado pela exclusão (Munanga, 2025), recorrência da história única dos negros da África e da diáspora africana, como pontua Chimamanda Ngozi Adiche na sua obra “O Perigo de uma História Única”. História essa que ainda hoje repercutem nos conceitos e imaginários coletivos, como figurado na abordagem no barco, de uma mulher racializada a uma outra mulher negra.

⁶ Palavras suas afirmando que era analfabeta e agricultora. Em poucos minutos de dialogo me descreveu quase toda a sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate aqui iniciado sobre a minha experiência de mulher negra, não deve ser analisado como algo pessoal, ou sem importância por ser uma situação considerada tão comum ao povo negro, e que acontece com outras tantas mulheres e homens negros. Experiências como essa são debates que devem continuar sendo fortalecidos, refletidos como resistências e lutas contra um racismo, contra um contrato racial, que super valoriza um grupo em detrimento da inferiorização de outro.

A experiência subjetiva que me atravessou em várias questões sociais, culturais e econômicas, aponta que o preconceito, o racismo acontece especificamente pela ignorância, pelas construções dos valores que nega a humanidade do povo negro, idealizando um tipo de civilização e consequentemente de humanidade, como afirma Carneiro (2023, p. 21) “A sustentação do ideário racista depende de sua capacidade de naturalizar a sua concepção sobre o Outro. É imprescindível que esse outro dominado, vencido, expresse em sua condição concreta aquilo que o ideário racista lhe atribui”.

Dessa forma enquanto houver pessoas que ignorem o racismo e suas adversidades na elaboração e atuação do poder e das experiências socioculturais, ele continuará operando subjetiva e coletivamente, matando e mutilando físico e psicologicamente o povo negro. É preciso enquanto cientistas, pesquisadores e estudiosos das ciências humanas e sociais continuarmos discutindo, trocando experiências e consequentemente buscando estratégias teóricas e metodológicas para formações antirracistas com as comunidades urbanas e rurais, com o público infantil, jovens e adultos.

É preciso continuarmos fortalecendo toda e qualquer manifestação de movimento do aquilombamento entre e com a comunidade negra, e aqui incluo esse relato, resistindo as submissões, resistindo as nossas ausências socioculturais, resistindo ao nosso apagamento psíquico social, reverter a ausência negra nos espaços que também temos direito de ocupar, de estar, é preciso existir para anular a ausência, e parafraseando Grada Kilomba (2020, pp.14-15) que afirma sobre o princípio da ausência “o princípio no qual quem existe deixa de existir. E é com este princípio da ausência que espaços brancos são mantidos brancos, que por sua vez tornam a branquitude a norma nacional”.

O negro está mais não estar, ou seja, a sociedade não é organizada para os(as) negros(as), as nossas presenças são permitidas quando não existimos enquanto sujeito social, é mais que urgente sair do mundo ao qual fomos submetidos, um mundo que muitas vezes não acreditamos, alimentados por sentimentos de incapacidades de ocuparmos lugares profissionais e sociais que são estruturalmente preparados e organizados para os brancos.

Precisamos nos libertar das correntes aos quais foram e são nossas prisões psicológicas e sociais, romper com os sentimentos de inferioridade e entender que as potencialidades intelectuais e emocionais vão além da cor, gênero e ou classe social, que além de dividir e invisibilizar o negro, quer mantê-lo em condições de submissões.

Aquela senhora não será a primeira e nem a última a fazer a pergunta: “Você é Camelô? Você é vendedora? Por mais que tenham saído de sua boca como algo banal, só refletem o quão poderoso é o sistema racista, que não só aniquila, como mata, mata a identidade, mata a potencialidade, mata a perspectiva, mata os sonhos, mata biológica e culturalmente um sujeito social.

No Brasil e no mundo todos os dias corpos negros caem ao chão, vidas são ceifadas apenas por serem quem são, negros(as). Aquela senhora é a confirmação da efetividade do preconceito ao corpo negro, e da ausência de representatividade negra.

É fundamental que as representatividades étnicas estejam presentes, ocupando espaços que foram negados, desumanizando e inferiorizando negros, indígenas, quilombolas e tantos outros grupos étnicos mutilados de suas referências e representações sociais e culturais.

Somos frutos de uma hegemonia branca, de um contrato racial, caracterizado pelo ideário e imaginário racista, onde a branquitude é a representatividade legalizada e normalizada, ocupando espaços, linguagens e expressividades dominantes, demarcando formas ideais de educação, profissão, beleza, etc., delineando humanidade e civilização como sinal de brancura.

REFERENCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História Única**. Trad. Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BENTO, Cida. **O pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARINE, Barbara. **Como ser um Educador Antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Editora perspectiva S.A, 1974.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Trad. Ligia Fonseca Ferreira. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

KILOMBA, In: Fanon, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MILLS, Charles W. **O Contrato Racial**. Trad. Teófilo Reis. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2025.

NASCIMENTO, Beatriz. **O Negro Visto por Ele Mesmo**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

SOUZA. Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.